

Em nome de Deus, da democracia e da terra: representações anticomunistas na década de 1960 no Piauí*

In the name of God, democracy and the earth: representations anti-communists in the 1960s in Piauí

Marylu Alves de Oliveira**

RESUMO

O artigo se propõe a analisar as principais representações anticomunistas piauienses na década de 1960. Verificamos a existência de três vertentes anticomunistas no estado: a religiosa, a do conservadorismo e uma ligada à questão da propriedade privada, que juntas podem ser compreendidas como os grandes segmentos representativos, onde encontramos os que lutaram mais veementemente contra o comunismo naquele momento. A partir dessas vertentes, apontamos para uma gama de representações anticomunistas, que foram construídas no Piauí, e que, de certa forma, ajudaram a significar a grande maioria dos acontecimentos políticos e sociais naquele estado nessa década.

PALAVRAS-CHAVE: anticomunismo, Piauí, década de 1960, representações, lutas de representações.

ABSTRACT

The article aims to analyze the main anti-communist representations in Piauí in the 1960's. We note the existence of three strands anti-communist in the state: the religious, the conservatism and the one linked to the issue of private property, which together can be understood as representing the major segments, where we find those who fought most strongly against communism at that time. From these aspects point to a range of anti-communist representations, which were built in Piauí, and that in some way helped to mean the vast majority of political and social events in the state this decade.

KEYWORDS: anti-communism, Piauí, the 1960's, representations, struggles of representations.

No ano de 2004, participamos de um trabalho de pesquisa que tinha como objetivo estudar as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade de Teresina agenciadas pela intervenção do poder executivo, durante as décadas de 1950 a 1970.¹ Durante o período de catalogação das fontes, percebemos um grande número de reportagens relacionadas ao comunismo, principalmente no período compreendido entre os anos de 1960 a 1969. Chamou-nos atenção a

* Este artigo faz parte da minha dissertação de mestrado (2008).

** Mestre em História. Professora Substituta da Universidade Federal do Piauí / Brasil.

¹ Projeto de Iniciação Científica financiado pelo CNPq-PIBIC/UFPI, no período de julho de 2004 a agosto de 2005, com o título: Teresina dos Anos Dourados aos Anos de Chumbo: o processo de modernização e intervenção do Estado autoritário, orientado pelo Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, da Universidade Federal do Piauí.

forma insistentemente negativa e pejorativa com que o comunismo era abordado e, sobretudo, como alguns cronistas, jornalistas e editores acreditavam na possibilidade iminente daquele sistema ser implantado no Brasil, e, conseqüentemente, no estado do Piauí. Foi com estranheza que verificamos aquele evidente medo e aversão ao comunismo nos jornais locais. Diante daquele material, houve um crescente interesse de nossa parte em fazer uma reflexão sobre o anticomunismo no Piauí.

A percepção da existência de um “outro” modo de estar em sociedade, provocou-nos uma sensação de distanciamento. Michel de Certeau, em sua *Escrita da História*, apontava para essa reação como parte do ofício do historiador, que, em sua função escriturária, comanda um “rito de sepultamento”, ou mesmo faz ver a “beleza do morto”, pois, como afirma este autor: “O discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto” (2002: 56) A partir do momento que aquele assunto fugiu às preocupações das sociedades atuais, é porque ele já não pertence mais a essas sociedades, o que existe, de fato, são os últimos fios de memória, que sob a ação dos historiadores vão desaparecer, serão enterrados, e passarão a ser história.² Pensando dessa forma, a pesquisa nas fontes hemerográficas da década de 1960 resultou no nosso trabalho de conclusão de curso de graduação, que propôs uma análise sobre o discurso anticomunista a partir da leitura de um dos maiores jornais do Piauí, *O Dia* (OLIVEIRA, 2005). Sendo que, também, demos continuidade ao estudo do anticomunismo de forma mais aprofundada em nossa dissertação de mestrado (Ibidem, 2008).

O objetivo do presente artigo é elencar as principais representações sobre o comunismo, construídas pelos anticomunistas no estado do Piauí, na década de 1960, no intuito de apreender a constituição das *lutas de representações*.³ Percebemos que determinados segmentos sociais lutavam para tentar impor o seu modo de vida, ou seu modo de pensar aos demais grupos.

O anticomunismo foi importante na construção da *cultura política*⁴

² Para Pierre Nora tudo que é considerado memória, nos dias de hoje, não o é, mas sim história (1993).

³ Noção refletida por Roger Chartier que remete aos segmentos sociais que se enfrentam na tentativa de impor o seu modo de vida, ou seu modo de pensar, aos demais grupos sociais (1990).

⁴ “Conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão origem e significação a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseiam os seus atores” (KUSHINIR e CARNEIRO, 1999: 227).

brasileira durante a maior parte do século XX. As representações anticomunistas que foram construídas através dos meios de comunicação estavam, em grande parte, permeadas por uma *topografia de interesses*.⁵ Deste modo, “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990: 17).

Considerando que as representações anticomunistas, ao serem geradas, também são reflexos das topografias de interesses, construídas pelos indivíduos, como também pelos grupos sociais dos quais eles fazem parte, entendemos que estas foram constituídas por interesses diversos, sendo também fruto de representações concorrentes. No entanto, percebemos que apenas algumas delas prevaleceram, demonstrando, dessa forma, como as representações podem ser visualizadas como um “campo de concorrências e de competições” (Ibidem).

Assim, procuramos identificar as principais representações anticomunistas, na década de 1960, no estado do Piauí, no intuito de analisar os discursos concorrentes que, de certa forma, estabeleceram na *memória coletiva* (HALBWACHS, 1990) uma “homogeneidade” sobre o comunismo, enquanto algo negativo. Ressaltamos as representações construídas sobre a proposta de três vertentes: a da propriedade privada, a do conservadorismo e a religiosa. Não estamos afirmando que estas vertentes estejam completamente separadas, pelo contrário, elas, ao mesmo tempo em que se relacionam, se complementam, bem como a ênfase dada a cada uma dessas vertentes esteve relacionada ao lugar social dos que as constituíram.

Quem é Deus e o Diabo na terra do sol? A questão da propriedade privada e o anticomunismo na década de 1960.

Nas décadas de 1950 e 1960 a questão agrária estava em voga no Brasil. Especialmente no Nordeste, as Ligas Camponesas,⁶ no ano de 1955, no engenho

⁵ Expressão utilizada por Michel de Certeau para designar o lugar social na escrita historiográfica, no entanto, entendemos que qualquer forma de escrita “[...] está, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em particularidades” (2002: 66).

⁶ A fundação e organização das Ligas Camponesas pelo PCB remete à década de 1940. Sobre as Ligas Camponesas ver: Christine Rufino Dabat (2006).

Galiléia, município de Vitória do Santo Antão, localizado a 60 quilômetros de Recife, mobilizavam os trabalhadores rurais contra a exploração efetuada pelos latifundiários. Com o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), estes trabalhadores organizaram a Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco (SAPP) e contavam com o apoio do deputado federal Francisco Julião. Este movimento incentivou o nascimento de outras organizações camponesas, em outros estados, com o mesmo nome de Ligas Camponesas, inclusive no Piauí. Reunidos e mobilizados, os camponeses começaram a lutar pela Reforma Agrária.

É nesse mesmo momento, e diante de uma conjuntura instável nacionalmente,⁷ que ocupa o cargo de governador do estado do Piauí, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues (1959-1962).⁸ Sua postura era a de aproximação com os movimentos populares, conduzindo seu governo de uma forma distinta das promovidas até aquele momento no estado (MEDEIROS, 1996: 69). A proposta de um contato mais constante com a população fez com que Chagas Rodrigues utilizasse um veículo de comunicação, que, no Piauí, ainda estava em seu apogeu: o rádio. A aproximação do governador com as camadas mais pobres da população, através dos meios de comunicação de massa, não foi bem vista por muitos segmentos políticos, especialmente quando os discursos transmitidos, através de rádios ou pelo jornal escrito, reforçavam o apoio às organizações que lutavam pela Reforma Agrária.

No ano de 1961, a decisão de apoio do governador às Ligas Camponesas do estado foi uma das iniciativas mais polêmicas, como podemos observar neste trecho de uma reportagem do jornal *Estado do Piauí*:

⁷ Para Daniel Aarão Reis Filho, no plano nacional, aguçavam-se as contradições. A burguesia vacilava devido à não confiança total no governo e também pelo temor do socialismo. Reconhecia-se que esse pânico, forjado, ou não, paralisava o ímpeto reformista. Ainda havia a postura de João Goulart, que, para o autor, era a de um zig-zag na procura de apoio, posicionando-se ambigualmente frente aos acontecimentos. Reis Filho também não poupou as posições do próprio PCB, refletindo que o Partido ao tempo em que apoiava o governo, ia as ruas incentivar as pressões populares contra o próprio governo (1990).

⁸ Em 1959, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues é eleito governador do Piauí. Candidato da oposição pela coligação PTB-UDN, chegou ao poder devido a uma fatalidade, a morte de Demerval Lobão e Marcos Parente, candidatos a governador e senador pela oposição. O acidente automobilístico que tirou as vidas dos dois políticos, que viajavam, para fazer um comício na cidade de Água Branca, ficou conhecido como *Desastre da Cruz do Cassaco*, e a morte dos candidatos provocou uma comoção na população piauiense. Porém, o clima foi bem explorado pelas lideranças oposicionistas, José Cândido Ferraz e Matias Olympio, que, para substituir o candidato a governador que morreria, indicaram o parnaibano Chagas Rodrigues. Sobre esse assunto ver: Antonio José Medeiros (1996) e Zózimo Tavares (2000).

Um congresso sindical de trabalhadores e camponeses realizado em fins de abril deste ano, no Piauí, constitui, no Estado, as Ligas Camponesas, que já estão confortavelmente instaladas no próprio Palácio do Governo. O senhor Chagas Rodrigues, governador do Estado, é o patrocinador das Ligas Piauienses, que por causa disso, estão em melhores condições de que todas as ramificações da instituição espalhadas no Nordeste, embora não contem com a popularidade das Ligas de Pernambuco.⁹

A reportagem indicava que as Ligas Camponesas não eram bem aceitas por alguns segmentos jornalísticos. Para alguns proprietários rurais, jornalistas e membros de partidos oposicionistas era uma audácia o governador trazer ao palácio de Karnak, sede do governo (que era um lugar civilizado, citadino, digno de homens cultos e poderosos), trabalhadores analfabetos, rudes e sem modos. Mas a decisão de apoiar as Ligas Camponesas no estado esteve vinculada à forma de governo proposta por Chagas Rodrigues. No entanto, essa não era uma forma que agradava muito às antigas elites políticas e rurais.

O Piauí, desde a colonização, possuiu uma elite detentora da maior parte das propriedades rurais. Em tempos mais recentes, em geral, esses latifundiários se agregavam em um ou outro partido político. As práticas de coronelismo, nas décadas de 1940 e 1950, ainda eram muito comuns no interior do estado, como relata Marcos Igreja, comunista e filho de agricultor:

[...] o meu pai, [...] foi morar no interior, [...] ele ocupou a Ilha Grande da Conceição pra fazer uma roça na década de 1950, e o coronel Gervásio Costa, que era dono das terras, das terras do outro lado do Maranhão, se achava também dono da ilha, e aí foi lá com os jagunços pra botar meu pai pra fora, aí meu pai jogou na cara dele a autorização da capitania dos portos, esse homem ficou com uma raiva, [...] porque nas terras de Gervásio Costa o que prevalecia era a ordem dele, se dava chicotada em caboclo desobediente, comprava o coco pela metade do que os vizinhos compravam, não se pegava em dinheiro, ele dava um valezinho. Você ia, levava dez quilos de coco, que digamos valessem dez reais, você consumia de mercadoria cinco reais aí recebia, vale este cinco reais, [...] os caboclos chamavam (o vale) de “sunguelo”, depois ele evoluiu e cunhou uma moeda, acho que ainda hoje tem, ele, o Gervásio Costa, era tão, era um coronel tão forte que cunhou duas moedas lá nas terras dele; do lado do Piauí valia o Gonçalves Dias, 5 Gonçalves Dias, 10 Gonçalves Dias, 15 Gonçalves Dias e do lado do Maranhão era o Novo Nilo, 10 Novos Nilos, 20 Novos Nilos. Não tinha o cruzeiro, que era moeda da época, só se pegava em cruzeiro quando vinha pra capital, e tinha que justificar perante o capataz dele, que era muito mais um feitor, às vezes, justificar porque queriam, iariam precisar daquele dinheiro, (por)que o Novo Nilo não valia nem em União, a moeda chamada Novo Nilo não valia nem em União e nem em Teresina, então, tinham que vir com o cruzeiro, mas era essa opressão econômica. Se fosse hoje viveriam, estavam aí nesse negócio de trabalho escravo. Então, meu pai se insurgiu contra o Gervásio

⁹ CABRAL, Sérgio. Liga do Piauí têm apoio do governo e da igreja. *Estado do Piauí*. Teresina, 26/10/1961, nº 353, p. 06.

Costa e também teve que vir embora de lá.¹⁰

Essa narrativa ilustra a situação da posse de terra no Piauí, em um período próximo ao que está sendo analisado neste trabalho. Nesse sentido, lanço a seguinte questão: é possível pensar em um quadro completamente diferente, do que foi apresentado no relato, em apenas uma década? A situação agrária no estado do Piauí tinha a sua tradição histórica. Nesse sentido, ao apoiar as Ligas Camponesas, e, sobretudo, a Reforma Agrária, o governador Chagas Rodrigues nitidamente propôs uma ruptura com uma tradição piauiense.

Apesar do desgosto dos latifundiários com as declarações do governador, os ânimos eram aplacados devido à coligação do partido do governador, Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) com a União Democrática Nacional (UDN). No entanto, esse jogo político durou pouco, logo após João Goulart assumir a Presidência da República, a UDN rompe com o PTB em nível local. Os principais motivos foram: o jogo eleitoral que estava previsto para o ano seguinte e o apoio aberto do governador à questão da Reforma Agrária, sendo esse segundo aspecto o acelerador do processo de ruptura da coligação.

A questão agrária, na década de 1960, estava no olho do furacão. A posse de João Goulart reavivou o debate. Chagas Rodrigues, por ser do mesmo partido político do presidente e seu notório apoiador, comunga das posições do governo de Jango. Não só caminhou com Jango, também estabeleceu relação com personalidades nacionais, reconhecidas como esquerdistas, como sugere a foto da página seguinte.

A determinação inovadora do governador e suas alianças políticas vão gerar problemas para a sua administração e, posteriormente, para a sua sucessão, pois a pecha de comunista foi lançada a Chagas Rodrigues.

O governador do Piauí, Sr. Francisco das Chagas Rodrigues está entrosado nesse plano – consciente ou inconsciente, – certo é que anda metido nessa agitação socialista, toda em atividade para de qualquer maneira, transplantar o comunismo cubano para o Brasil. Pelo menos com regime de República, – contra as tradições liberais e políticas do povo brasileiro.¹¹

Isto foi tão marcante em seu governo que, mesmo após o golpe civil-militar de 1964, o ex-governador, Chagas Rodrigues e os que o acompanharam eram

¹⁰ IGREJA, Marcos de Paiva. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento e Marylu Alves de Oliveira*. Teresina, 2005.

¹¹ MENDES, Simplício de Sousa. *Folha do Nordeste*. Teresina, 03/10/1962, s/n, p. 04.

relacionados à “praga comunista” que se alastrou no Piauí. Dizia-se: “[...] Gafanhoto devoradores dos carnaubais do patrimônio público [...] Vorazes devoraram tudo, alimentando até a praga comunista dos Honoratos e Esperidiões¹² das Ligas Camponesas daquele ensaio nos arredores de Teresina”.¹³



O Governador Chagas Rodrigues ao chegar a Porto Alegre, foi recebido cordialmente pelo Chefe do Executivo Gaúcho. Na foto, os dois Governadores ainda no aeroporto – Leonel Brizola e Chagas Rodrigues, trocam cumprimentos

Chagas Rodrigues sendo cumprimentado por Leonel Brizola.
(O Governador Chagas Rodrigues ao Chegar a Porto Alegre, foi recebido cordialmente pelo chefe do Executivo Gaúcho. Na foto, os dois governadores ainda no aeroporto – Leonel Brizola e Chagas Rodrigues, trocam cumprimentos).

Fonte: CLICHÊ - foto Brizola e Chagas. *Estado do Piauí*. Teresina, 16/04/1961, nº 331, p. 01.

O fato de ser visto como apoiador das Ligas Camponesas, e suposto comunista, imagem que, mesmo após o seu governo, continuou vigorando, ajudou na cassação de seu mandato, logo após edição do Ato Institucional n. 05, em 1968.

O discurso anticomunista no estado já existia bem antes do apoio do governador àquela organização camponesa. No entanto, é a partir da adesão à

¹² Honorato e Esperidião são dois dos mais famosos comunistas do Piauí no início da década de 1960.

¹³ MENDES, Simplicio de Sousa. A mensagem de Petrônio. *O Dia*. Teresina, 04/04/1964, nº 1.208, p. 03.

causa dos agricultores, determinada também pela conjuntura nacional, que o discurso anticomunista, articulado pelos defensores da propriedade privada, intensificou-se no Piauí, num primeiro momento, encarnado na figura do então governador Chagas Rodrigues.

Contudo, não foi apenas o governador do estado que foi representado como comunista pelo seu apoio aos trabalhadores rurais, a Igreja Católica no Piauí também sofreu por conta de suas investidas no campo. A década de 1960 foi um momento de reflexão e de mudanças profundas no seio do cristianismo católico. Deve-se ressaltar que a Igreja Católica nunca foi uma instituição homogênea, no entanto, no Brasil é evidente a tendência a dividir a postura política da Igreja na década de 1960: no primeiro momento como apoiadora do golpe civil-militar de 1964; em um segundo momento, próxima aos movimentos contrários à ditadura, sendo ela, neste segundo momento, um grande ímã na junção de diversos grupos. No nosso entender, a Igreja Católica foi uma instituição determinante em todos os movimentos políticos da década de 1960.

Mesmo com as tentativas do Vaticano de impor uma postura única ao cristão católico, nunca houve por parte dos membros da Igreja Católica uma homogeneidade de pensamento. Este aspecto torna-se claro na década de 1960, principalmente no que tange à questão da terra. Assim como em 26 de julho de 1960, em São Paulo, foi fundada a TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade),¹⁴ instituição que, desde a sua origem, se intitulava anticomunista e favorável à propriedade privada, no mesmo período Dom Helder Câmara, bispo denominado progressista, ia às televisões anunciar o seu apoio à Reforma Agrária. Mesmo não tendo uma posição única, o que é visível, neste momento, é que a Igreja Católica começava a uniformizar a sua preocupação com o campo.¹⁵

¹⁴ Movimento de caráter conservador fundado por leigos e bispos Católicos com o intuito de defender valores cristãos, lutar a favor da propriedade privada, em especial contra a Reforma Agrária, e contra o comunismo. Para saber mais sobre a TFP ver Antonio Augusto Borelli: Machado e Abel de Oliveira Campos Filho, (1980).

¹⁵ Segundo a Encíclica *Pacem in Terris*: “É sabido de todos que em algumas regiões subsiste a desproporção entre a extensão de terra cultivável e o número de habitantes, em outras, entre riquezas do solo e capitais disponíveis. Impõe-se, pois, a colaboração dos povos, com o fim de facilitar a circulação de recursos, capitais e mão-de-obra”. Ver: Carta Encíclica *Pacem in terris* do Sumo Pontífice João XXIII, A paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Acessado no site do vaticano: http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html em 10/01/2009.

É nesse mesmo período, de nítidas divisões de posicionamento no seio da Igreja, que chegou ao Piauí Dom Avelar Brandão Vilela. Para a historiadora Maria do Amparo Alves de Carvalho, “as mudanças ocorridas na Igreja Católica do Piauí se fizeram sentir a partir da chegada de Dom Avelar, que passou a administrar a Arquidiocese de Teresina em 1956” (2006: 49).

Prelado reconhecido nacionalmente, formulador de vários projetos de ações sociais para o Piauí, Dom Avelar Brandão Vilela também foi um dos defensores da organização dos sindicatos agrícolas no estado. Essa postura adotada pela Igreja Católica no território piauiense fez surgir uma “nova realidade que despontava com a criação dos sindicatos, desagradando consideravelmente as elites agrárias piauienses, que chegaram a sugerir a Dom Avelar que mandasse suspender aquelas atividades no campo” (Ibidem: 75).

Em vários episódios, Dom Avelar tenta expor a posição da Igreja Católica piauiense diante dos problemas agrários, como exemplo, podemos lembrar a publicação de uma reportagem afirmando que as Ligas Camponesas no estado eram apoiadas pelo governo e pela Igreja Católica. Diante da afirmação, o Prelado divulga a seguinte nota:

Declaramos, para conhecimento de todo os piauienses, que a reportagem do JORNAL DO BRASIL – “Ligas do Piauí têm apoio do Govêrno e da Igreja” não tem fundamento, no que tange à posição da Igreja. Demos apoio ao Congresso Sindical de Trabalhadores e Camponeses do Piauí, jamais às chamadas Ligas Camponesas originadas de Pernambuco.

Teresina, 27 de outubro de 1961. Dom Avelar Brandão Vilela.¹⁶

Dom Avelar tentou explicar as posições da Igreja Católica no Piauí, evidenciando que, por trás das atitudes tomadas pela instituição, encontravam-se ordens estabelecidas pelo Vaticano, no sentido de formar sindicatos agrícolas longe da influência dos comunistas, visto que os sindicatos tinham outro papel, pois:

[o] Papa, considerando que o sindicato não tem apenas um papel defensivo, vê nele um organismo mais construtivo. O sindicato deve ser concebido – e eis o texto em que se apóia o documento comunista para lhe negar o papel de defesa – não como uma arma *exclusivamente* destinada a uma guerra defensiva, ou ofensiva, que provoque reações e represálias, nem como um rio transbordante que submerge e separar, mas como uma ponte que une [...] o papel do sindicato não se limita à missão *exclusiva* de defesa; é mais positivo: aproxima as duas partes e une-as, para que, no respeito dos direitos e interesses defendidos, tendam em conjunto a organizar o bem comum

¹⁶ DOM AVELAR BRANDÃO VILELA. DECLARAMOS, para conhecimento de todos os piauienses...(Dom Avelar Brandão Vilela). *Estado do Piauí*. Teresina, 29/10/1961, nº 387, p. 01.

da profissão dum maneira mais estável, e a desempenhar uma missão superior na economia nacional. (GUERRY, 1960: 17) [grifos do autor].

A proposta de junção de forças entre os camponeses e os donos das terras, para a construção de uma situação mais humana e digna no campo, confronta-se com a proposta de “lutas de classes” divulgadas pelos comunistas. Contudo, mesmo com posições contrárias ao comunismo, Dom Avelar ainda foi acusado de compactuar com as idéias dos comunistas. Segundo Alves de Carvalho “a Igreja Católica teve a sua imagem associada ao comunismo pelas elites e por um grupo católico mais conservador, pois o discurso e a prática social em defesa dos oprimidos coincidiram com aquela defendida pelos grupos de esquerda do país” (CARVALHO, 2006: 56).

No entanto, Dom Avelar tenta desvencilhar a imagem da Igreja da imagem do comunismo, como mostra o documento que o prelado deixa aos cuidados do Pe. Raimundo José, reitor da Faculdade de Filosofia, antes de sua viagem para participar do Concílio Vaticano II:

Estou de partida para o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo Santo Padre Paulo VI.

Estarei em Roma até dezembro, quando se presume seja concluído o segundo período desse memorável conclave.

Com toda probabilidade, ainda haverá uma terceira convocação, em 1964.

Deixo o Piauí, com algumas preocupações graves, em face de certos acontecimentos que estão sendo interpretados, sem a devida reflexão.

Sobre a posição da Igreja, relativamente aos problemas agrários, devo declarar o seguinte:

- a) – existe um problema a resolver, na zona rural, que não é dado a ninguém desconhecê-lo.
- b) – várias forças estão penetrando no meio rural, com a intenção de ajudá-lo ou de convulsioná-lo.
- c) – A arquidiocese de Teresina, ao lado de todas as arquidioceses do Nordeste, resolveu também tomar posição diante do problema.
- d) – O assunto não é desses que se possam resolver pela simples cogitação, mas pela ação in loco, dentro das normas do direito, da verdade, da justiça e do amor.
- e) – E foram surgindo os sindicatos rurais, órgãos de classe, para os trabalhadores do campo, já conscientes de sua situação, e de que devem se esforçar para melhorá-la, nessa data de reivindicações comprovadas.
- f) – A Igreja olha o sindicato como um instrumento de luta pacífica, mas decidida pela causa justa do trabalhador rural. [...]
- g) – Dito isso, para orientação dos proprietários e dos trabalhadores do campo, desejo salientar que a Igreja deseja a promoção do homem rural, mas não admite a luta de classe, dentro do conceito leninista-marxista. Não quer a luta de uma classe contra a outra, luta de extermínio, luta que pretendesse destruir tudo para instalar a ditadura do proletariado, à procura de uma sociedade sem classe que não existe em lugar nenhum.
- h) - Não admitindo a luta de classe no seu sentido original, a Igreja, nem por isso, deixa de reconhecer a necessidade de que os direitos da pessoa humana sejam colocados em termos de justa

reivindicação. Essa justa reivindicação faz apelo à compreensão, à consciência cristã bem esclarecida e a justiça social. É também uma exigência do bem comum, dentro do quais os direitos e os deveres devem ser levados em consideração. [...] ¹⁷

Apesar de ser uma citação bastante longa, ela é determinante para se entender a postura da Igreja Católica frente à questão agrária no Piauí. Dom Avelar afirmou que o primeiro fator que deveria ser levado em consideração, com relação à questão agrária é o de que no Piauí existia um problema relacionado à terra, e esse problema merecia ser solucionado. Desta forma, a Igreja Católica se colocava como uma facilitadora. Segundo o prelado, os sindicatos haviam aparecido como uma possibilidade de solucionar o problema agrário. Nesse sentido, a Igreja Católica admitia a existência dos sindicatos como uma forma de luta pacífica pela causa do trabalhador rural. É sobre essa questão dos sindicatos que, em sua carta, Dom Avelar faz as diferenciações entre a forma como a Igreja Católica conduz o movimento sindical no campo das outras formas, pois, na condução empreendida pela Igreja Católica deveria ser dada ênfase à negociação pacífica, nada de luta de classes, no sentido leninista-marxista, ou muito menos revoluções sangrentas. As conquistas deveriam ser resultado: parte da consciência dos patrões e parte da luta pacífica dos trabalhadores. Qualquer tipo de relação com o comunismo não seria tolerada, pois, para Dom Avelar, a Igreja “não aceita a invasão de terras, pura e simples, como se não existisse o direito da propriedade particular”.

Para ajudar nos esclarecimentos sobre como agiam os sindicatos rurais, apoiados pela Igreja Católica no Piauí, bem como o seu distanciamento de qualquer movimento de cunho comunista, Dom Avelar Brandão Vilela apoiou a criação de um programa de rádio, na emissora católica de Teresina, *rádio Pioneira*. “Desperta Camponês” era apresentado por Manoel Emílio Burlamaqui. O programa foi classificado por muitos como instigador dos movimentos subversivos no campo e, principalmente, propagador do comunismo.¹⁸

¹⁷ Este documento nos foi doado pelo Pe. Raimundo José Ayremorais, possuindo ainda meia página em que justifica a escolha de Manuel Emílio Burlamarqui como coordenador da campanha da causa agrária e nomeando duas comissões: uma de Assuntos Agrários e a outra de Relações Públicas. Todo o texto está repleto de correções feitas de caneta, tentamos colocar o texto mais fiel o possível do original. CARTA, Dom Avelar Brandão Vilela. *Arquivo pessoal do Pe. Raimundo José Ayremorais*. 03/09/1963.

¹⁸ Após o golpe de 1964 o programa teve a sua transmissão proibida e o apresentador, que também coordenava os assuntos agrários para a Igreja Católica, foi preso como subversivo.

Mesmo com todas as respostas dadas à imprensa local e a preocupação de Dom Avelar Brandão Vilela em separar os sindicatos organizados pelas Ligas Camponesas dos Sindicatos Agrários apoiados pela Igreja Católica, na memória popular o prelado tanto apoiou as Ligas Camponesas como, também, ajudou os comunistas piauienses a escaparem da prisão, como lembra o radialista Carlos Augusto de Araújo Lima¹⁹: “Ele, ele estimulou as Ligas Camponesas, por isso ele era mal visto pela revolução. Os comunistas escaparam dentro do Palácio [episcopal]. Quando estorou a revolução, foram tudo pra debaixo do manto dele, né? Lá, quem ia tocar em Dom Avelar, né?”.²⁰ Mas, para alguns anticomunistas, o Arcebispo não apenas apoiava comunistas, ele mesmo era um comunista, como se lembra o Sr. Jesus Elias Tajra²¹:

Eu me lembro que uma vez estava numa reunião social onde tinha vários militares, inclusive um comandante da 10^a região, general, um oficial virou para mim e disse: “Jesus, você não acha que Dom Avelar é meio comunista”, eu disse: “não, de jeito nenhum, por quê?”. [oficial:] “Não porque o pessoal da Igreja fala muito em negócio de pobre, camponês, não sei o quê?” [Jesus Tajra:] “Desde quando falar de pobre é comunismo? Isso não é privilégio de comunista não, o senhor está enganado. Não é assim não”.²²

Em meio a tentativas de organizações rurais e às propostas de Reformas de Base, surgiram acusações, veladas e explícitas, ao Arcebispo da capital piauiense e ao governador do estado de serem ou de apoiarem os comunistas. Essas representações anticomunistas, que foram construídas pelos grandes proprietários de terras, que de forma geral se encontravam nas fileiras da política partidária, deram a tônica ao que denominamos de vertente anticomunista relacionada à propriedade privada.

Diante de tal quadro das disputas no campo, as representações anticomunistas vão se intensificar, atingido figuras importantes no estado como o governador e o Arcebispo Metropolitano. Mas, por que esse temor dos proprietários rurais, se a proposta marxiana de revolução social se dava no espaço industrial e urbano?

¹⁹ Carlos Augusto trabalhou na rádio católica Pioneira e conviveu com Dom Avelar Brandão Vilela.

²⁰ LIMA, Carlos Augusto de Araújo. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

²¹ Político piauiense, já assumiu vários cargos no poder executivo, e atualmente é dono de uma das maiores emissoras de televisão do Piauí. Foi Diretor da Rádio Pioneira, rádio católica, no período em que Dom Avelar era Arcebispo metropolitano.

²² TAJRA, Jesus Elias. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

Karl Marx, ao propor a supressão da propriedade privada,²³ analisou um mundo urbano, industrial. A cidade era o cenário da revolução comunista. No entanto, empenhados por seus ideais socializantes, os comunistas estabeleceram regimes socialistas em países que não possuíam as estruturas industriais propícias para a implantação do comunismo proposto por Karl Marx. Estes países se transformaram no palco do socialismo real no século XX. De forma geral, como foi no caso russo, havia o predomínio de uma cultura rural. A teoria marxiana não deixou traçada a forma de condução do regime comunista em países industriais. Como, então, poderia ser a condução do regime em países rurais, no qual Marx não havia imaginado uma revolução? A situação das populações que viviam em países socialistas foi o que sobrou aos outros países como exemplo, principalmente aos países anticomunistas.

Em decorrência das transcrições de reportagens nacionais sobre a situação da União Soviética, da China e sobre a revolução cubana, a idéia de uma “revolução comunista” tornava-se mais próxima. O interessante das reportagens nesse período é o caráter denunciador. Comparava-se a situação da Rússia, antes da Revolução de Outubro de 1917, à de Cuba no período do ditador Fulgêncio Batista e à conjuntura brasileira naquele momento, visando prevenir as autoridades da possibilidade de acontecer no país uma revolução comunista. Estas “medidas preventivas” eram difundidas pelo território nacional, de maneira que, no Piauí, pode-se verificar nos jornais escritos notas que alertavam para o perigo da “onda vermelha” que se alastrava pelo mundo através da revolução comunista. Olimpio Costa, cronista na década de 1960, publicou o “alerta vermelho”, como aponta o trecho abaixo:

Assim, a Revolução russa originou-se das exorbitâncias da aristocracia, em detrimento do equilíbrio popular; também a Revolução cubana foi gerada pelos desmandos de um continuísmo, prejudicando o povo. [...]

A República dos Estados Unidos do Brasil, contrariamente ao que ocorre nos Estados Unidos da América do Norte, se não surgirem providências extremamente necessárias, de parte dos responsáveis pelo governo, será atingida, dentro de pouco tempo, por uma situação capaz de provocar uma revolução de conseqüências imprevisíveis, mas

²³ Segundo Karl Marx, para que o proletariado conseguisse derrubar o domínio burguês era necessário suprimir a propriedade privada. Na teoria marxiana, o que caracterizava a luta comunista não era apenas supressão da propriedade em si, mas a supressão da propriedade burguesa. E, mais contundente, assegurou Karl Marx: “Neste sentido, os comunistas podem resumir a sua teoria em uma única expressão: supressão da propriedade privada” (MARX e ENGELS, 1998: 21).

perigosa que a russa e mais sangrenta que a cubana.²⁴

Vários foram os artigos e crônicas nos jornais do Piauí que denunciavam a situação de miséria da população camponesa dos países comunistas, em especial da União Soviética. As organizações camponesas, como as Ligas Camponesas e os Sindicatos Rurais, que começaram a se organizar no início da década de 1960 no Piauí dão a tônica para a preocupação da implantação do comunismo no estado. É fácil vislumbrar essa reação nos jornais, mostrando como o processo estava se dando da mesma forma com havia ocorrido na Rússia e em Cuba:

Congresso de Operários e Camponeses, no Piauí: – ao que nos parece, só para compor a expressão – 'Operários e Camponeses', tal qual se deu na Rússia, – onde ao tempo da revolução, também não existia operariado, porque, aquele o país do Leninismo, não era, nem de longe, um país industrializado, mas de agricultores e pequenas fábricas, sem vulto econômico e industrial.²⁵

As comparações continuavam a acontecer, no entanto, mostravam quão privilegiados eram os brasileiros. Como fez o Senador, pelo estado do Piauí, Sigefredo Pachêco,²⁶ depois de retornar de uma viagem da Europa, onde fez escalas em países comunistas:

Se compararmos o que ganha o operário russo com o salário pago ao operário brasileiro, mesmo tomando-se por base o salário mínimo vigente no Piauí, que é o menor do país, chegamos à conclusão de que o nosso mal pago trabalhador é melhor remunerado do que o russo. Basta dizer que um trabalhador piauiense, com 9 mil cruzeiros mensais, pode adquirir 25 quilos de carne ao preço atual, que é dos mais altos, enquanto o russo apenas adquirirá 15 quilos com os 60 rublos que recebe mensalmente. Por outro lado – continua Dr. Sigefredo – se levarmos em conta as diferenças de vida na Rússia, com excessivo frio no inverno, em relação ao ameno clima brasileiro, chegamos a conclusão evidente de que o nosso homem do campo tem muito melhor condição de vida.²⁷

O discurso do senador Sigefredo Pachêco, antes de propor alterações para a conjuntura socioeconômica brasileira dos anos de 1960, reclamava por sua conservação, visto que, uma mudança de regime seria inútil, pois a situação do trabalhador brasileiro era melhor do que a situação dos russos após a revolução.

²⁴ COSTA, Olimpio. A Origem das Revoluções. *O Dia*. Teresina, 11/03/1962, nº 957, p. 01.

²⁵ MENDES, Simplício de Sousa. Congresso de Operários e Camponeses. *Folha da Manhã*. Teresina, 30/04/1961, nº 964, p. 04.

²⁶ Médico e ex-prefeito da cidade de Campo Maior. Filiado ao PSD e depois do golpe de 1964 à ARENA. Sobre Sigefredo Pachêco ver: José Lopes dos Santos (1988).

²⁷ SIGEFREDO Pachêco fala a O Dia sobre União Soviética. *O Dia*. Teresina, 21/11/1963, nº 1.143, p. 01.

O medo do comunismo se implantar no Brasil, e no Piauí, era uma constante nos jornais que circulavam na cidade de Teresina no período entre 1961 a 1964. Marx era o teórico mais mencionado nestes periódicos e o fim da propriedade relacionada à implantação do comunismo era o tema preferido. Mesmo sendo citado por intelectuais, ou por cronistas eventuais, nunca houve uma reflexão sobre as propostas comunistas com relação ao campo, o que havia era um amontoado de acusações e os exemplos da Rússia, China e Cuba como lugares terríveis para a humanidade.

O campo, no início da década de 1960, como já foi visto antes, era assunto tanto do estado, como da Igreja e de movimentos interessados na Reforma Agrária. Uma das questões que chama atenção é a diferenciação entre o rural e o urbano. Pensar que o espaço urbano é sempre superior à organização rural, era comum nos discursos veiculados nos jornais locais. Nesse sentido, como admitir que trabalhadores analfabetos pudessem comandar uma revolução? Não devemos esquecer que o caráter da perda da terra estava em jogo, no entanto é necessário ressaltar a idéia de superioridade do espaço urbano, intelectualizado, civilizado, diferente do rural, sem modos e atrasado.

No Piauí da década de 1960, havia uma nítida separação, em nível discursivo, entre o homem do campo e o da cidade. Sendo Teresina o lugar de moradia da maior parte dos latifundiários, pois, na sua maioria, eram políticos e intelectuais, os jornais ficavam repletos de críticas à Reforma Agrária. Críticas que iam aumentando à medida que as propostas das Reformas de Base estavam sendo divulgadas pela imprensa local. Dessa forma, o aumento da associação entre os proponentes de uma reforma e os comunistas também crescia gradualmente.

Para os defensores dos latifúndios, a culpa dessa mobilização camponesa se encontrava na educação que estava sendo dirigida aos setores pobres da sociedade, como reflete o texto:

Mas, ninguém se apercebia que o perigo de uma nação subdesenvolvida consiste, essencialmente, na alfabetização do povo, que, através das leituras, do conhecimento, reconhece os seus direitos, passando a encarar a situação em que vive, sob um aspecto diverso: o que antes era comum e normal passa a se constituir objeto de estudo, de pesquisas, nascendo os confrontos perigosos, em que ressaltam as injustiças, as concepções errôneas, os esbulhos sofridos.²⁸

²⁸ BRASIL, Asfalto e Comunismo. *O Dia*. Teresina, 26/11/1961, nº 928, p.01.

Quem levava as orientações aos camponeses? Os comunistas, habitantes da cidade. Se os camponeses agora olhavam para a terra como um problema, era porque havia uma orientação no sentido dessa percepção. Tendo consciência de sua situação os trabalhadores rurais passavam a ver as melhores condições dos habitantes da cidade e até dos trabalhadores urbanos e, de certa forma, vendo-se como uma parcela inferior. Devido à suposta superioridade do espaço urbano, este também era culpado pelas reivindicações que nasciam no campo, como sugere o fragmento:

[...] os que residem nas grandes cidades, nos centros industriais, onde o conforto é uma condição primacial de vida, jamais lançaram os olhos sobre os que habitam o campo, dedicando sua atividade ao enriquecimento de segundos, sem direitos, salvo os de viver num mourejar constante.²⁹

O homem campesino com qualidades passivas, como o do estado do Piauí, só conseguiria pensar em ocupar terras alheias com a ajuda dos promotores da desordem, como sugere o texto de José Lopes dos Santos, editor de jornais e radialista no período:

No auge da propaganda subversiva que, então, se fazia, tentando preparar o caboclo pacato do sertão para tomar conta da terra que – no dizer dos pregadores e promotores da anarquia e da desordem, era bem comum e a todos devia pertencer, como a água, a luz e o sol, desaparecendo, assim, o instituto da propriedade privada; – no auge dessa propaganda que ainda ecoa nos nossos ouvidos, e através da qual se pretendia transformar o Brasil num satélite de Moscou, ou de Cuba, ou da China Vermelha, tive de envolver-me em uma séria luta profissional, como advogado, visando à defesa de constituintes ameaçados e esbulhados no seu direito de propriedade (SANTOS, 1972:133).

O certo é que os movimentos que lutavam pela Reforma Agrária, nesse momento, tinham recebido o nome de organizações comunistas, por maior parte de anticomunistas ligados à propriedade privada. A Reforma Agrária parecia uma desculpa para a implantação de um novo regime, como aponta o jornalista:

O fim é aproveitar-se na ignorância popular – para jogar o povo obscurecido contra a propriedade privada, o patrimônio particular a começar pela propriedade de terra.

O fim não é dar terra ao caboclo, ao agricultor braçal, não; – isto é êngodo, é o meio de enganar o pobre trabalhador, lançá-lo criminosamente, contra os patrões e protetores, – no sentido e nos rumos do comunismo sem moral, sem Deus – subversivo e tirano.³⁰

²⁹ Ibidem.

³⁰ MENDES, Simplício de Sousa. Quem Cultiva Colhe. *Folha da Manhã*. Teresina, 21/03/1962, nº 1.209, p. 06.

O debate em torno da Reforma Agrária teve como um de seus fortes aliados segmentos da Igreja Católica na cidade de Teresina. De certa forma, a Igreja católica, também dava a sua opinião de como se viver melhor no campo e, por esta razão, alguns padres também foram tachados de comunistas:

É digno de nota que enquanto os padres, muito justo e razoavelmente, se colocam ao lado da associação de trabalhadores, aqui entre nós, latifundiários e maus patrões dizendo-se defensores da religião, se colocam contra elas, tachando-as – mesmo com o mínimo de provas – de subversiva.

Mais cristãos que o próprio Cristo, hem?

Ou ignoram que se o Cristo voltasse em corpo a essa terra seria o líder dos líderes camponeses?

E, conseqüentemente, para os latifundiários desumanos, o maior comunista!³¹

No entanto, prevaleceram as representações do comunismo como um mal. Nesse sentido, havia os constantes exemplos, nos jornais locais, da precária situação dos indivíduos que habitavam países comunistas, principalmente os trabalhadores do campo. Houve também uma preocupação com a educação do homem do campo, puro, ingênuo, sendo orientado a invadir terras alheias pelas mentes perversas dos comunistas da cidade. Mas, de todas as representações que foram construídas em torno do comunismo para impedir uma Reforma Agrária no Brasil, a que nos chamou mais atenção foi a posição tomada pelo senador Sigefredo Pachêco. Em meio à discussão da Reforma Agrária, o Senador falou sobre a situação do campo nos países comunistas que ele havia visitado:

Em seguida o nosso entrevistado informa que o camponês soviético não pode possuir mais do que meio hectare de terra onde construir sua casa. Nessa pequena área pode lavrar a terra dispendo livremente de seu produto. E pode possuir uma vaca. Apenas uma.

– Perguntei ao presidente da Karkov – declara textualmente o representante do Piauí no Senado da República: “O possuidor de uma vaca daqui a dez anos certamente já disporá de dez vacas”. A resposta foi rápida: “Todos os produtos da vaca são vendidos ao Governo. E ao cabo de dez anos o camponês continua apenas com uma vaca”.

Face a essa situação argumenta o doutor Sigefredo:

Se considerarmos a situação do agregado brasileiro, que além de usufruir a terra como bem entende, pagando ao proprietário somente um quinto da produção, e ainda podendo criar o seu gado bovino, ovino e caprino etc... sem quem ninguém lhes reclame direito, ficamos sem compreender porque no Brasil se faz tanta celeuma em torno das Ligas Camponesas, Sindicatos e outros organismos de fonte duvidosa que giram em torno da Reforma Agrária, num país onde dois terços da terra continuam despovoados.³²

A situação dos países comunistas, bem como a de seus trabalhadores

³¹ PADRES protestam. *O Dia*. Teresina, 26/04/1962, nº 970, p.03.

³² SIGEFREDO Pachêco fala a *O Dia* sobre União Soviética. *O Dia*. Teresina, 21/11/1963, nº 1.143, p. 01

rurais, segundo o senador Sigefredo Pachêco, não poderia ser exemplo para os trabalhadores brasileiros, já que a condição do agregado no Brasil era muito mais favorável do que a de um pequeno proprietário de terra em um país comunista. Essas organizações rurais, para o Senador, nem precisavam fazer alvoroço, já que o Brasil era praticamente um país despovoado. Esse exemplo, dado por Pachêco, é a representação do que seria a vida do camponês brasileiro caso o comunismo fosse implantado no país.

A questão agrária no Piauí, assim como no Brasil, foi fator de disputas políticas e ideológicas, principalmente no período de 1961 a 1964. As representações anticomunistas que se constituíram em torno da vertente da propriedade privada estavam diretamente relacionadas à discussão da Reforma Agrária. Por estarem dispostos a apoiarem os movimentos do campo, como as Ligas Camponesas e os sindicatos agrícolas, parte da Igreja Católica e do estado foi tachada de ser ou de apoiar comunistas. Os discursos que circulavam nos jornais locais, pregavam um clima de tensão, que deveria ser acalmado, por ameaça de acontecer aqui o que já havia acontecido em países como a Rússia, Cuba e China. O espaço do campo deveria se dobrar ao saber da cidade. O campo foi visto sempre como um espaço de ingenuidade e passividade, não podendo cair nas mãos dos comunistas da cidade. O comunismo, certamente, era percebido como um mal, e essa representação é a que vai rondar todas as representações anticomunistas durante vários anos.

As pessoas na sala de jantar são ocupadas em nascer e morrer: conservadorismo piauiense e o anticomunismo.

A segunda vertente anticomunista classificada em nosso estudo foi a do conservadorismo. O termo conservadorismo³³ é utilizado nesse trabalho para designar, no sentido da ciência política, “idéias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras”,³⁴ mas também como uma tentativa de conservação da ordem vigente, opondo-se a qualquer forma de

³³ Utilizamos a palavra conservadorismo, ao invés de conservador, porque “O substantivo conservadorismo implica a existência de um conceito; o adjetivo conservador qualifica simplesmente atitudes, práticas ou idéias” (BONAZZI, 2000: 242).

³⁴ Ibidem.

ruptura na estrutura política, econômica ou social. Esta vertente anticomunista está muito relacionada aos segmentos políticos partidários, mas também aos detentores de funções públicas de grande reconhecimento social, como procuradores, juízes, militares de altas patentes, entre outros. O conservadorismo, em seu sentido mais abrangente relacionado ao poder político, aponta para uma necessidade da ação política na sociedade. Contrário à perspectiva histórica aberta pelo progressismo, que se apresentou como apolítico, o conservadorismo parte da “consciência dos limites inerentes ao homem, limites distantes e distanciáveis, mas sempre presentes, reconhece no poder, na coação política, um fator importante e necessário na sociedade”³⁵ e ainda “o poder político é, para o conservadorismo, o cimento da sociedade que, seja qual for a sua estrutura, sem ele, cairia na anarquia”.³⁶ Tomando como base essa perspectiva, percebemos que muitos dos anticomunistas piauienses percebiam o comunismo não apenas como uma ruptura com a ordem política vigente, mas também como um princípio profundo de desorganização social, no sentido de entenderem a proposta do comunismo como algo que dissolveria o poder político entre os trabalhadores. Percebemos, dessa forma, porque a partir do século XX, a relação do conservadorismo com as massas se tornou ainda mais complexa, uma vez que, “a entrada das massas na cena política constituiu, na primeira parte deste século, o principal pesadelo do Conservadorismo”.³⁷

Como pensar esse conservadorismo em plena década de 1960, entendida, por alguns autores como um momento em que a juventude procurou romper com determinados valores, e em que a sociedade sublunar³⁸ se apresentava?

A década de 1960 é considerada um período de convulsão mundial. Foi nesse momento que ocorreu um desejo de transformação profunda em boa parte das sociedades ocidentais, principalmente relacionada aos comportamentos e às questões políticas. Os movimentos organizados por minorias começam a reivindicar abertamente seus direitos: as mulheres queimavam sutiãs decretando o fim da sua opressão ao longo da história, os negros gritavam em praças públicas para serem ouvidos, os homossexuais se

³⁵ Ibidem: 245

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem: 246.

³⁸ É a denominação dada às sociedades contemporâneas após a ida do homem à lua.

organizavam para combater os constantes atos de violência que lhes eram dirigidos. No tocante ao universo religioso cristão, a grande mudança se deu no seio da Igreja Católica com o Concílio Vaticano II, convocado por João XXIII, que transformou profundamente a relação dessa instituição com as populações cristãs, em especial na América Latina. Também essa foi uma época em que se evocou a paz, o amor e a liberdade de expressão através do corpo, das roupas, dos cabelos, com os hippies, determinando dessa forma novas condutas e comportamentos em boa parte dos países ocidentais. No campo político, Cuba tornou-se comunista em plena Guerra Fria, sob os olhares do seu vizinho Estados Unidos. Grande parte das colônias africanas e asiáticas se rebelou contra seus colonizadores. E em Paris, “berço” da cultura intelectualizada, os jovens se revoltavam contra a cultura dos seus pais e avós e berravam nas barricadas: É proibido proibir! Na dimensão espacial, um acontecimento marcante para aquele período: o homem foi à Lua, mudando, desta forma, repentinamente a concepção que os indivíduos possuíam dos seus limites espaciais. A década de 1960, de forma geral, é compreendida sob o signo desses acontecimentos.

No Brasil também se desejou e se lutou intensamente por mudanças principalmente nos campos comportamental e político. As lutas que aqui foram travadas também visavam a ruptura com as estruturas sociais e políticas dominantes. Para Zuenir Ventura (1988) naquele momento as mudanças comportamentais e engajamentos políticos da juventude eram entendidos como uma espécie de moda, principalmente entre os filhos da classe média e alta dos grandes centros urbanos. Havia uma ânsia juvenil de oposição aos valores tradicionais, tanto relacionados às questões políticas quanto às questões comportamentais. Para o historiador Edwar de Alencar Castelo Branco é necessário “[...] pensar os anos sessenta como um momento de confronto entre o velho e o novo” (2005:63).

Na década de 1960 emergiram novas possibilidades de ser, no entanto, forças conservadoras lutavam a favor dos valores tradicionais. Mesmo que a proposta de mudança da juventude se desse na esfera micropolítica,³⁹ era, em geral, no espaço da macropolítica⁴⁰ que a repressão se configurava, como

³⁹ Atuação política referente à esfera comportamental.

⁴⁰ Atuação política dita tradicional, ocorrendo na esfera da política partidária.

observamos na seguinte reportagem:

PROMISCUIDADE SEXUAL

O Congresso da ex-UNE pode ser apontado como um verdadeiro escândalo. Os estudantes não tinham outro objetivo senão “aproveitar a chance para fazer bacanais”. O mais deprimente é que o SNI e os órgãos de segurança do Exército lançaram mão de “escalas de serviços” contendo a relação nominal das moças (universitárias) que estavam disponíveis naquele dia para a prática de atos sexuais. Foram encontrados alguns frascos de anticoncepcionais, bem como excitantes e bebidas alcoólicas.

Um líder estudantil do Ceará, ao ser ouvido em depoimento quando se encontrava preso em São Paulo, declarou taxativamente que não havia levado consigo a sua irmã mais velha – também universitária – porque ela não era prostituta. Em Brasília dois estudantes estupraram uma universitária, tornando-a louca.⁴¹

Nos discursos de políticos, altos funcionários civis e militares, rejeitavam-se de forma significativa essas novas práticas comportamentais, que muitas vezes eram denominadas de subversivas. Enquanto parcelas da juventude pensavam em mudanças micropolíticas, os conservadores respondiam na esfera da macropolítica.

O anticomunismo da vertente do conservadorismo sempre enalteceu os valores morais da sociedade brasileira, em detrimento de uma degeneração da moralidade nos países em que se instalara o regime comunista. Com relação aos comportamentos na década de 1960, os políticos eram, ou deveriam ser, a imagem ideal dos valores tradicionais, em um mundo onde as notícias tinham um grande alcance e uma rápida propagação, era necessário aos que faziam parte da política partidária mostrarem a sua imagem da melhor maneira possível fazendo oposição à degeneração dos princípios comunistas. O bom político, seguidor desta vertente, era: casado, pai, democrata, religioso e anticomunista.

Durante a década de 1960, no Piauí, houve, por parte de determinados segmentos, uma resistência a qualquer proposta de mudança na ordem social, tanto para o Brasil como para o próprio estado. As representações sobre o Piauí estavam vinculadas ao regime democrático, implicando uma representação negativa de qualquer outro regime. Mas, naquele momento, o regime negativo, por excelência, era o comunista. A idéia de que o regime democrático no Brasil era exercido, de fato, apontava, muitas vezes, para exemplos desse exercício democrático no cotidiano do homem brasileiro, como segue no trecho:

⁴¹ BACANAIS e orgias nos congressos estudantis. *O Dia*. Teresina, 26/03/1969, nº 2.686, p. 07.

Nosso sistema de vida é o que oferece maior liberdade em todo o mundo. O brasileiro não é um povo que tende a grandes aspirações, se conformando com pouco. Ele se preocupa mais em tomar o seu traguinho de cachaça, assistir ao futebol, ir à praia ou à piscina, dar um passeio com a namorada. O importante, então, é dar ao brasileiro uma visão sobre o que é democracia, para que ele sinta que a democracia brasileira é a melhor do mundo. ⁴²

O texto sugere que o homem brasileiro,⁴³ em seu cotidiano, levava uma vida completamente indiferente ao regime político estabelecido no Brasil, nesse sentido a manutenção da ordem estabelecida é ideal para as suas práticas cotidianas. No entanto, com a emergência de novas possibilidades de organização social no mundo, como é o caso do comunismo, era necessário, então, mostrar a esse homem como o regime em que ele vivia era o melhor de todos.

Encontramos, durante a década de 1960, nas páginas dos noticiosos piauienses, vários discursos com o mesmo argumento: a conservação da ordem vigente. Como nos referimos anteriormente, esses discursos eram freqüentemente proferidos por políticos e altos funcionários públicos. A tônica que movia os pronunciamentos desses homens públicos era a proposta de manutenção da ordem social e política, pautada em ideais democratizantes:

A VOZ DE UM DEMOCRATA

NESTA luta que os democratas se decidiram, afinal, aceitar, contra a comunização do País, portanto pela própria sobrevivência, é atentador verificar que os homens de elevada estatura moral não desejam continuar silenciosos. Começaram a definir-se.

O Marechal Eurico Dutra, Ex-presidente da República, [...] decidiu falar em defesa das instituições democráticas. ⁴⁴

O comunismo, para esses anticomunistas conservadores, mesmo sendo uma proposta de projeto socioeconômico, de modo geral, não era percebido como oposição ao capitalismo, mas como uma oposição à democracia. E como o comunismo era entendido dessa forma, nada mais justo do que denominá-lo de ditadura, uma vez que o oposto à democracia era o regime ditatorial. Nesse sentido, uma grande quantidade de artigos denunciava a escravidão a que eram submetidos os habitantes de países comunistas.

⁴² É PRECISO compreender os estudantes. *O Dia*. Teresina, 23/07/1968, n° 2.483, p. 01.

⁴³ A palavra homem, no texto, não está sendo utilizada no sentido universal relacionado ao ser humano, mas remetendo às práticas masculinas, como sugere a seguinte frase: dar um passeio com a namorada. Esse é apenas um exemplo do conservadorismo social empregado nesses discursos, uma vez que sugere apenas a participação masculina como determinante na organização social.

⁴⁴ O DIA antes da revolução. *O Dia*. Teresina, 17/03/1965, n° 1.487, p. 01.

Foi em nome da democracia que o conservadorismo lutou contra o comunismo, no golpe civil-militar de 1964, como refletiu Simplício de Sousa Mendes:

A reação democrática contra o comunismo e o governo demagogicamente subversivo de João Goulart, que apoiava, nos comunistas o seu caótico e indefinido programa de reformas, esta reação, ou melhor, este levante das forças democráticas, em repulsa à avançada comunização do país, – veio pôr na maior evidência o quanto se apresentam os *vermelhos*, para um arrojado assalto ao poder político da República.[grifo do autor].⁴⁵

Mesmo acreditando estarem pautados em ideais democratizantes, os anticomunistas da vertente do conservadorismo refletiam que os Atos Institucionais (medidas de exceção que vigoraram durante os governos militares) eram necessários para o estabelecimento da democracia, como apontou o deputado udenista Ezequias Costa, em entrevista concedida a um jornal piauiense:

Apesar do Ato Institucional ter aquela caracterização de uma medida forte, extrema de exceção, o que se sente é que o seu executor, Presidente Castelo Branco, não obstante ser um homem de formação militar inflexível, *tem* se revelado um grande democrata. [...] No que se refere ao desempenho dos nossos trabalhos parlamentares – continuou o Deputado Ezequias Costa – devo dizer sinceramente que o Ato Institucional nos trouxe um bem.⁴⁶

Pode parece estranho, um democrata defender medidas de exceção, no entanto, para Jorge Ferreira, na década de 1960, “[...] a questão democrática não estava na agenda da direita e da esquerda. A primeira sempre esteve disposta a romper com tais regras, utilizando-as para defender seus interesses” (FERREIRA, 2006:124). A preocupação com o comunismo deveu-se justamente pela proposta de uma nova ordem social. A grande inquietação da vertente do conservadorismo era a ruptura de valores estabelecidos socialmente, nesse sentido, várias narrativas da proximidade do golpe comunista eram expostas nos jornais da época na tentativa de justificar as ações das Forças Armadas, como fez o desembargador Edgar Nogueira, ao ser questionado se o movimento organizado pelas Forças Armadas tinha sido um golpe: “[...] muita gente, por aí a fora, considera que houve um golpe, o que na verdade não se deu”.⁴⁷ A posição

⁴⁵ MENDES, Simplício de Sousa. Apresentava-se a Revolução. *O Dia*. Teresina, 19/04/1964, nº 1.220, p. 03.

⁴⁶ EZEQUIAS Costa fala ao jornal. *O Dia*. Teresina, 16/06/1964, nº 1.265, p. 08.

⁴⁷ PRESIDENTE do poder judiciário no Piauí interpreta os últimos acontecimentos. *O Dia*. Teresina, 07/04/1964, nº 1.210, p. 01.

do desembargador foi acompanhada por seus colegas, que em sessão do Tribunal de Justiça saudaram com salva de palmas a “atitude das Forças Armadas em face dos últimos acontecimentos verificados no país”.⁴⁸ É interessante ressaltar como os discursos do conservadorismo percebiam os acontecimentos políticos anteriores e posteriores ao golpe civil-militar, como fez o professor, desembargador e presidente da Academia Piauiense de Letras Simplício de Sousa Mendes, apresentando o material comunista encontrado pelo Exército no Piauí na sede do PCB e a intenção dos comunistas com esse aparato:

No entanto, os *vermelhos*, armavam-se e preparavam tudo para o golpe triunfante, nada faltando para a hora decisiva, – até a moeda própria do comunismo, com a efígie de *Lenine* e a foice e o signo da *foice e do martelo*, - simbolizando o imperialismo de Moscou.

Mais ainda: - além das listas dos que deviam ser fuzilados na primeira hora, - para o adubo do terror, - até *as fardas das milícias*, que teriam de substituir as forças armadas da República. O ativo comunista Honorato, [...] já tinha a farda completa de coronel da nova organização militar e seria o chefe do comando do Piauí. Ele dizia-se substituto do Coronel Façanha.

Acrescentam vizinhos, informantes, que esse fardamento foi queimado, - logo que se evidenciou o fracasso do plano comunista. [...] Nunca a nossa democracia política, – liberal, jurídica e cristã – enfrentou-se com situação mais perigosa.

A democracia é um governo de elites – sob o sufrágio do povo, excluindo os analfabetos. [grifo nosso]⁴⁹

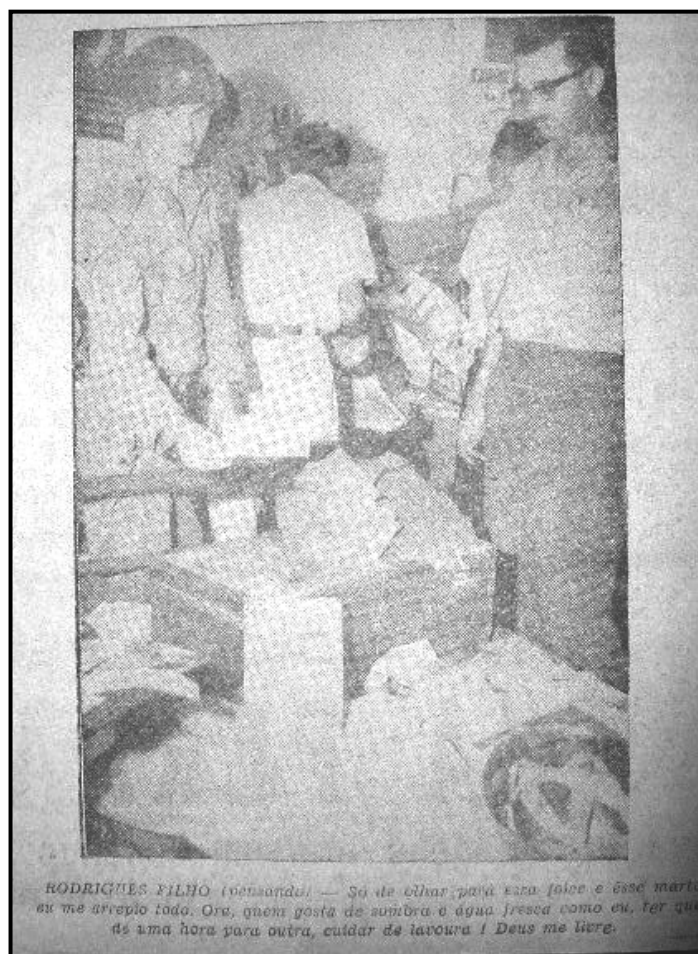
Ao expor um quadro de perigosa infiltração comunista no Piauí, o autor do texto citado anteriormente, não tem o menor receio em construir um conceito de democracia. Para ele, a democracia era um governo de elite, cabendo a uma minoria as decisões. Segundo Simplício de Sousa Mendes, para o povo, a democracia permitia apenas o ato de votar, e o autor deixa claro que o que ele entende por povo, exclui a participação dos analfabetos. Sobre o mesmo material comunista mencionado por Mendes, alguns políticos também demonstraram a sua indignação com aquela “infiltração”. De um modo geral, a preocupação desses políticos era de uma mudança súbita em suas vidas, em um regime como o comunismo, especialmente no que se referiam às práticas trabalhistas.

No clichê a seguir, ocorre a exposição do material comunista apreendido,

⁴⁸ PRONUNCIAMENTO do Sr. Presidente repercutiu no Tribunal de Justiça. *O Dia*. Teresina, 10/04/1964, nº 1.213, p. 01.

⁴⁹ MENDES, Simplício de Sousa. Apresentava-se a Revolução. *O Dia*. Teresina, 19/04/1964, n.1220, p.03.

que aparece sendo vigiado por um soldado e observado pelo vereador Rodrigues Filho. Na legenda da foto, está escrito a seguinte frase, atribuída ao vereador: “RODRIGUES FILHO – (pensando) – Só de olhar para essa foice e pra esse martelo eu me arrepio todo. Ora, quem gosta de sombra e água e fresca como eu, ter que de uma hora pra outra cuidar da lavoura, Deus me livre”. É a mudança que assusta, é a possibilidade de perder o cargo, status e autoridade, para se tornar mais um cidadão trabalhador do regime comunista.



Exposição do material “subversivo” apreendido pelo Exército.

Fonte: CLICHÊ: RODRIGUES Filho. *O Dia*. Teresina, 26 abr. 1964, n.1225, p.01.

O que devemos destacar é que esse anticomunismo da vertente do conservadorismo foi construído por indivíduos que tinham muito a perder com a mudança da ordem estabelecida, nesse sentido, houve um grande número de discursos que se posicionaram favoráveis ao golpe civil-militar de 1964

acreditando que as Forças Armadas estavam possibilitando uma perpetuação da suposta tradição democrática brasileira. No entanto, esse conservadorismo também foi bastante expressivo antes dos processos sucessórios, aspecto que analisaremos em seguida.

O comunismo é o ópio do povo: A religião católica e o anticomunismo no Piauí, na década de 1960.

A última vertente anticomunista é a religiosa.⁵⁰ A Igreja Católica teve papel fundamental na construção das representações religiosas anticomunistas no Piauí, na década de 1960. Embora Rodrigo Patto Sá Motta (2002) considere que a década de 1960 foi o período em que houve a substituição da ortodoxia católica por uma espécie de ecumenismo anticomunista, no Piauí o que se verificou foi um predomínio da influência da Igreja Católica na condução das representações anticomunistas, pelo menos até o ano de 1965. Parece ser contraditório, por um lado apontar a Igreja Católica como uma das grandes construtoras das representações anticomunistas na década de 1960 e, por outro lado, refletir que as ações e discursos de determinados segmentos católicos no final da mesma década foram significados como comunismo, como foi apontado anteriormente, mas não podemos desconsiderar que a realidade social é contraditoriamente construída.

Independentemente das posições conservadoras e progressistas, a ação que movia os membros do clero, de modo geral, era a idéia de salvação do corpo e alma. De acordo com Michel Löwy, ao tratar das divisões de posições políticas no seio da Igreja Católica, na década de 1960, em especial, na América Latina, não podemos esquecer que:

[...] se tem tratado de contradições no seio de uma instituição que, apesar de tudo, conserva a sua unidade, não apenas porque todas as partes em causa desejam evitar um cisma, mas também porque seus objetivos aparecem não-redutíveis à arena social e política (1991: 30).

Mesmo com divisões e posturas diferenciadas⁵¹ sobre determinados problemas sociais, a coesão com relação ao dever de promover a elevação

⁵⁰ Para ver análise sobre o anticomunismo católico e a sua construção a partir das encíclicas e em oposição ao mundo moderno, ver: Carla Simone Rodeghero (1998).

⁵¹ “Desde fins dos anos 1950, percebe-se já a emergência de diferentes correntes dentre os bispos e o clero, no [Brasil]. As três correntes mais influentes são os tradicionalistas, os modernistas conservadores e os reformistas: [naquele momento] todos partilham uma resignância comum, ser contrário ao ‘comunismo ateu’” (LÖWY, 1991: 52).

espiritual dos fiéis era um propósito inquestionável. Questionável mesmo, por alguns membros do clero, era a maneira com que determinados segmentos religiosos passaram a conduzir essa missão, no final da década de 1960.⁵²

No Piauí, o discurso religioso anticomunista é intenso entre os anos de 1960 a 1965. Um dos principais motivos que fez com que a Igreja Católica tentasse unir vários setores sociais e o próprio meio católico contra o comunismo foi justamente o que Igreja Católica denominou de excesso materialista, que, conseqüentemente, desencadearia uma onda de ateísmo. A luta da Igreja se fundamentava, principalmente, na idéia de que o comunismo era ateu, baseado em uma teoria puramente materialista. Nesse sentido, era constantemente repetida a famosa frase de Marx “A religião é o ópio do povo”. O ateísmo comunista era entendido como uma agressão à fé Católica.

A mensagem dos textos religiosos negava esse materialismo e apontava para a necessidade humana da busca de Deus. Acreditamos que a idéia da religião como algo essencial na vida dos seres humanos foi uma das razões para que houvesse tantos textos que refletiam sobre a religiosidade crescente na União Soviética, como visualizamos em vários discursos. Em um artigo intitulado “Porque renasce a religião na Rússia”, o autor tenta mostrar que na União Soviética e, especialmente na Rússia, havia uma busca dos jovens pela religião. E essa busca pela religião, segundo o autor, foi reflexo de um descontentamento com o materialismo comunista, pois, segundo ele, “A doutrina oficial marxista-leninista [...] carece de atrativos para a mente, o coração e a alma das pessoas, especialmente entre os jovens que estão buscando algo que encha esse vazio: muitos então voltam-se para Deus”.⁵³

Ainda podemos perceber, no discurso religioso, que a representação da educação, em países comunistas, era voltada essencialmente para a formação de um indivíduo ateu. Para o comunismo, não importava o conteúdo do que se ministrava, contanto que o ateísmo fosse difundido, como aponta o trecho que segue publicado no jornal *O Dominical*, e que, supostamente, teria sido expresso por um comunista: “Camaradas, independente do que ensinam e do

⁵² Entre o final de década de 1960 e o início da década de 1970, setores da Igreja Católica formulam uma nova corrente de pensamento aproximando-se do marxismo, esse movimento foi denominado de Teologia da Libertação, e teve grande repercussão na América Latina, em especial no Brasil. Foram as *ordens religiosas e o padres estrangeiros* os maiores responsáveis pelas novas práticas e reflexões na teologia. Ver: Michel Löwy (1991).

⁵³ PORQUE renasce a religião na Rússia. *O Dominical*. Teresina, 05/06/1960, nº 23/60, p. 03.

grau em que ensinam, vocês terão sempre a mesma importante tarefa – cultivar uma perspectiva materialista entre os alunos e educar os jovens a serem verdadeiros ateus”.⁵⁴ Para os anticomunistas religiosos, a educação, pelo menos na União Soviética, possuía uma única intenção, a divulgação do excesso materialista: “As escolas soviéticas de todos os ciclos e de todos os graus não têm feito outra coisa se não martelar incessantemente na cabeça dos alunos que Deus não existe, que a alma é um mito, que só há matéria, matéria, matéria...”.⁵⁵ O comunismo, segundo o discurso religioso católico, deveria ser combatido, porque, se não o fosse, obrigaria seu ateísmo ao mundo. E como combater um regime ateu?

A única força que se poderá contrapor eficazmente ao comunismo é a força sobrenatural do cristianismo [...].

Não nos iludamos. Não se poderá combater o *ateísmo*, a alma das ditaduras comunistas, com o *agnosticismo* [...].

Só teremos êxito se os governantes ocidentais se unirem todos no nome do Altíssimo e, possuindo uma visão sobrenatural, se empenharem a fundo em reequilibrar o mundo da paz, como autênticos defensores do Reino de Deus para conterem o influxo dos inimigos que hoje o querem sufocar [...].

A batalha tem que ser travada em nome de Deus [...].⁵⁶

Nesse sentido, encontramos algumas reportagens que conclamavam os católicos a rezarem pela conversão dos países comunistas. Os religiosos de todo Brasil não cansavam de fazer orações “na intenção dos nossos irmãos de fé, os católicos de Cuba... despojados dos direitos de autodeterminação dos seus destinos políticos e espoliados de prerrogativas fundamentais dos cidadãos livres e cristãos”.⁵⁷ A Igreja Católica, hipotecava solidariedade aos perseguidos cristãos através da oração e pretendia travar uma cruzada anticomunista.

Era totalmente incompatível a relação entre o comunismo e a Igreja Católica, como sugere o título da reportagem: “São inteiramente incompatíveis o comunismo e o cristianismo – A Igreja jamais deixará de denunciar os erros e as atrocidades cometidas pelo materialismo ateu”.⁵⁸ Ou o indivíduo era

⁵⁴ PROFESSORES soviéticos – e o ateísmo – *O Dominical*. Teresina, 02/04/1961, nº 14/61, p. 02.

⁵⁵ ROCHA, João Batista. Marx e Lênin convencem menos certos marxistas muito mais progressistas. *O Dia*. Teresina, 22 e 23/06/1969, nº 2.758, p. 06.

⁵⁶ PC Para repensar o comunismo. *O Dominical*. Teresina, 22/10/1961, nº 42/61, p. 01.

⁵⁷ FARSA cruel terminação dos povos sob o jugo do comunismo. *O Dominical*. Teresina, 10/09/1961, nº 36/61, p. 02.

⁵⁸ SÃO inteiramente incompatíveis o comunismo e o cristianismo. *O Dominical*. Teresina, 01/05/1960, nº 18/61, p. 01.

católico, ou era comunista:

CATÓLICO OU COMUNISTA?	
<i>Visto e devidamente considerado este mapa das incompatibilidades fazemos um exame de consciência para julgarmos se, contrariando o nosso catolicismo, estamos ou não contribuindo, direta ou indiretamente, para o crescimento do comunismo no Brasil.</i>	
1 — «Pai nosso que estais no céus».	1 — Não existe Deus.
2 — Deus criou o homem e o universo com fim determinado.	2 — O homem é o produto da matéria e o mundo caminha ao acaso.
3 — Este mundo é um lugar de preparação para alcançar o céu.	3 — Nada existe além do túmulo.
4 — O homem possui alma imortal.	4 — Tudo desaparece com a morte.
5 — Primazia do espírito sobre a matéria.	5 — Primazia do progresso técnico — material.
6 — A alma tem um valor absoluto.	6 — Alma é o meio, o instrumento de desenvolvimento das forças produtivas.
7 — Cristo e seu Vigário, o Santo Padre o Papa, são os chefes amados e obedecidos.	7 — Marx, Lenine, Stalin, Kruchev, são os chefes.
8 — Liberdade religiosa.	8 — Propaganda anti-religiosa, perseguições de toda espécie.

Matéria no jornal *O Dominical* sobre as diferenças entre católicos e comunistas.
Fonte: CATÓLICOS ou comunistas. *O Dominical*. Teresina, 28 jan. 1962, n.04/62, p.04.

A pretensão comunista de se propagar por outros países era entendida pelos membros da Igreja Católica como uma verdadeira hecatombe mundial. A situação no mundo era apresentada como de gravidade, e de extremo cuidado, devendo os católicos escutar naquele momento as palavras do seu orientador supremo, o Papa:

Pio XI assevera que o comunismo é intrinsecamente mau e perverso. Pio XII considera uma apostasia a colaboração com a política marxista. João XXIII adverte o rebanho fiel de que só os ideais evangélicos livrarão a terra do extermínio universal. Ouçamos a palavra do Papa.⁵⁹

A gravidade da situação mundial, deveria ser apresentada aos católicos, como uma lição do Papa, para que os católicos soubessem agir com “[...] repúdio ao comunismo, que tenta incendiar o mundo, constitui a diretriz que nos dá a palavra do Papa, nesta hora trágica que a Humanidade vive. [...] só os ideais cristãos poderão salvar a civilização da terceira catastrófica e total guerra entre os povos”.⁶⁰

A religião era algo que os países comunistas negavam aos indivíduos.

⁵⁹ A PALAVRA do Papa. *O Dominical*. Teresina, 15/07/1962, nº 28/62, p. 04.

⁶⁰ *Ibidem*.

Nesse sentido, a fé católica é evidenciada como perseguida nos países onde o regime comunista havia se instalado: “Assim, onde quer que se tenha estabelecido, o comunismo criou toda espécie de organismo com a finalidade de arrancar, pacífica ou violentamente, o senso religioso dos povos, até a raiz”.⁶¹ Nos relatos sobre as práticas religiosas em países comunistas, em sua grande maioria, mostravam-se os fiéis reunidos nas poucas Igrejas que restavam e a coragem dos poucos padres que resistiram às perseguições. Os relatos de prisões e perseguições de padres eram freqüentes nos jornais locais: “Agentes fidelistas desenvolvem em toda Cuba uma campanha persecutória contra sacerdotes, religiosos e militantes católicos [...]. Um sacerdote foi preso e torturado mentalmente três horas [...] porque distribuía mantimentos aos pobres”.⁶²

Um grande propagador dessas representações anticomunistas era o jornal católico *O Dominical*. A historiadora Luciana Pereira analisou como a Igreja Católica, através do jornal *O Dominical*, na década de 1950, indicava caminhos a serem adotados pelos cristãos católicos frente ao comunismo, como podemos observar no seguinte texto:

[..] o comunismo era mostrado aos leitores como um mal absoluto, que deveria ser evitado a qualquer custo. De acordo com as mensagens do jornal católico isso só poderia ser feito com eficiência se os católicos teresinenses reforçassem seus laços com a Igreja, assim, com Deus, através da obediência sem restrições aos princípios e à moral católicos, além de se comprometerem a entrar na campanha, juntamente com o episcopado contra o comunismo por intermédio da formação de movimentos da Ação Católica, em especial ao lado da União dos Moços Católicos (PEREIRA, 2005: 45).

A análise feita pela autora está relacionada predominantemente à década de 1950. No entanto, no decorrer de nossa pesquisa no jornal *O Dominical*, o discurso religioso anticomunista se fez presente na década de 1960, tendo uma maior incidência entre os anos de 1960 a 1965. A Igreja Católica, através do jornal *O Dominical* no Piauí, prevendo o “perigo” do comunismo, procurava manter seus fiéis longe dos ideais comunistas através do chamado à “Casa de Deus”. Posicionando-se contrária às idéias comunistas, a Igreja Católica não poupava comentários, através daquele jornal, difundindo os malefícios que poderiam afligir aqueles que aderissem ao comunismo. Na década de 1950, a

⁶¹ ROCHA, João Batista. Marx e Lênin convencem menos certos marxistas muito mais progressistas. *O Dia*. Teresina, 22 e 23/06/1969, n° 2.758, p. 06.

⁶² FONSECA, Jaime. A Igreja em Cuba – Sinais de perseguição. *O Dominical*. Teresina, 06/11/1960, n° 45/60, p. 02.

associação do comunismo ao mal, simbolizado pela figura do demônio e de doenças foi uma constante, como refletiu Pereira:

[...] tentava-se desqualificar a doutrina do comunismo, associando-a ao *demônio* e/ou comparando-a a doenças e substâncias venenosas. Além disso, era usado um jogo de expressões adjetivas com o intuito de construir uma imagem negativa da ideologia e militantes *vermelhos*. Assim, os comunistas eram denominados, muitas vezes, de *filhos das trevas, traidores da pátria, inimigos de Deus e de homens diabólicos*, ou seja, estes adjetivos são arraigados de uma simbologia criada por um grupo de católicos que formaram a sua identidade em “oposição àqueles que o seu discurso e sua prática denunciavam. [grifos da autora] (2005: 34).

Mesmo apontando para uma reflexão dos cristãos católicos frente à realidade de sua época, a missão dos membros da Igreja Católica era, basicamente, promover a justiça social na terra, sem esquecer das ações divinas, nesse sentido “o Episcopado Brasileiro no seu conjunto jamais aceitou e jamais aceitará uma opção marxista”.⁶³ Para tanto, era necessário apontar a situação dos países que implantaram o comunismo, como prova da destruição dos valores cristãos, e da falta de progresso científico e social. Só a Igreja Católica, naquele momento, poderia criar um ambiente que levaria a harmonia e o bem-estar entre os povos.

Nos ásperos dias que a humanidade vive, a Igreja lidera o movimento de recuperação social, no sentido de proporcionar aos povos um ambiente mais tranqüilo e confortável. [...]

Contemplamos a terrível agitação comunista, como origem dos grandes males do nosso século. Em vez de prosperidade e de Segurança, a Ditadura Soviética tem trazido às nações escravizadas a tirania da foice e do martelo um clima de terror, de miséria, e de afronta autêntica aos direitos da pessoa humana.⁶⁴

É como redentora e salvadora dos males do mundo moderno que a Igreja Católica se apresentou aos fiéis católicos na década de 1960, e assim, construiu as suas representações anticomunistas relacionadas ao mundo terreno.

Considerações finais

O comunismo foi representado das mais variadas formas, ao longo da década de 1960. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, “os comunistas foram representados, ao longo da história através da utilização de uma farta gama de adjetivos que lhes atribuíam qualidades negativas” (2002: 47). Classificamos

⁶³ O EPISCOPADO recusa a colaboração do marxismo. *O Dia*. Teresina, 30/03/1966, nº 1.811, p. 07.

⁶⁴ MISSÃO da Igreja. *O Dominical*. Teresina, 20/03/1960, nº 12/60, p. 02.

três vertentes que construíram representações relacionadas aos seus interesses: o grupo ligado à questão da propriedade privada, os que esperavam uma conservação da ordem social, ou vertente do conservadorismo, e uma vertente religiosa. No entanto, como já foi exposto anteriormente, as representações construídas por essas vertentes não estão completamente separadas, ao mesmo tempo em que se ligam umas às outras, através de expressões ou posições políticas e sociais, também, se completavam. A vertente do conservadorismo, de modo geral, utilizava o discurso religioso para se legitimar, evocando Deus e a Igreja Católica como baluartes da tradição das sociedades ocidentais. Assim como a vertente da propriedade privada, em certo sentido, sempre lutou por uma conservação da ordem social, até mesmo porque era, em grande parte, formada por membros de partidos políticos. A vertente religiosa, tanto se utilizou da idéia de conservação da ordem social, assim como também aceitava o direito da propriedade privada como natural. Mas, de um modo geral, o que prevalecia era a idéia de demonstrar o comunismo como algo extremamente maléfico à humanidade, em certo sentido, para conseguir que as representações permanecessem como verdades. Para tanto, era necessário criar uma ambiente de medo, que tinha como suporte o temor ao comunismo.

Bibliografia:

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. IM: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Vol. I: de A a J. Tradução: Carmen C. Varriale [et all.]. 5 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meios às tensões entre Igreja católica e o regime militar em Teresina*. Teresina: Dissertação de Mestrado UFPI, 2006.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa, São Paulo: Difel, Bertrand, 1990.

DABAT, Christine Rufino. “Depois que Arraes entrou, fomos forros outra vez”: Ligas Camponesas e Sindicatos de trabalhadores rurais: a luta de classes na zona canavieira de Pernambuco segundo os cortadores de cana. IN: *Clio*. Revista de Pesquisa Histórica. Recife: Editora Universitária da UFPE, nº 22, 2006, pp. 149-188.

FERREIRA, Jorge. A frente de mobilização popular: a esquerda brizolista e a crise política de 1964. IN: *Clio*. Revista de Pesquisa Histórica. Recife: Editora Universitária da UFPE, nº 22, 2006, pp. 104-126.

GUERRY, Monsenhor. (arcebispo de Cambrai). *Igreja Católica e o comunismo ateu*. Portugal: Sampedro Editora, 1960.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista Tribunais, 1990.

KUSHINIR, Carina e CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política cultural, política e antropologia. IN: *Revista de Estudos Históricos*, nº 24, Rio de Janeiro, 1999/2.

LÖWY, Michel. *Marxismo e teologia da libertação*. Tradução: Myrian Veras Baptista. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.39).

MACHADO, Antonio Augusto Borelli e CAMPOS FILHO, Abel de Oliveira. *Meio século de epopéia anticomunista*. São Paulo: Vera Cruz, 1980. Coleção Tudo Sobre a TFP.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. IN: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *O manifesto comunista 150 anos depois*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos Sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectivas/FAPESP, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Proj. História*. São Paulo, 10/12/1993, p. 07-28.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. *A Cruzada antivermelha: democracia, Deus e Terra contra a força comunista*. Teresina: Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Piauí, 2008.

_____. *Considerações sobre o discurso anticomunista no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia*. Teresina: Monografia de TCC Universidade Federal do Piauí, 2005.

PEREIRA, Luciana Lima. *O discurso da Igreja Católica de Teresina e a formação do ideário cristão através de "O Dominical"*. Teresina: Monografia de TCC Universidade Federal do Piauí, 2005.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. Os Comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediufp, 1998.

SANTOS, José Lopes dos. *Política e Políticos: Eleições 86*. Vol. I. Teresina: Gráfica Mendes, 1988.

_____. *Votos e discursos*. Teresina: Cannes Publicidade, 1972.

TAVARES, Zózimo. *100 fatos do Piauí no século 20*. Teresina: Halley, 2000.

VENTURA, Zuenir Carlos. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova

Marylu Alves de Oliveira

Em nome de Deus, da democracia e da terra: representações anticomunistas....

Fronteira, 1988.

Colaboração recebida em 02/07/2008 e aprovada em 21/11/2008.